

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

A leitura, o leitor e a ilusão

Elizabeth Gonzaga de Lima¹

RESUMO:

O propósito deste artigo é examinar os efeitos que a imersão na leitura, de forma acrítica e alienada, produz no leitor. Busco contrapor um leitor de fins do século XIX e suas práticas de leitura, na figura do personagem Policarpo Quaresma, do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, com os novos leitores da cibercultura, os denominados navegadores ou internautas.

Palavras-chave: Lima Barreto; Leitor; Leitura; Cibercultura

ABSTRACT:

The purpose of this article is to analyse the effects that the immersion in the reading, in a no critic and alienated way, produces in the reader. I attempt to oppose a reader from the end of the 19th century and their reading practices, in the figure of the character Policarpo Quaresma, from the novel *Triste fim de Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto, with the new readers of the cyberculture.

Key-words: Lima Barreto; Reader; Reading; Cyberculture

Crise da leitura, fim do livro, estas são as últimas profecias anunciadas pela revolução digital que mergulhamos nas últimas décadas. Assistimos ao crescimento, em larga escala, dos chamados internautas, cada vez mais plugados às telas de computadores em suas residências ou em *lan houses*, mergulhados em *blogs*, *orkuts*, enredados nas teias do hipertexto.

Os filhos da sociedade tecnológica vivem a maior parte de seu tempo num mundo virtual e assumindo diversos papéis em jogos e mundos paralelos. Tal circunstância coloca uma questão: para participar do universo criado pelos programas do computador não é

¹ Professora Doutora de Literatura Portuguesa do Departamento de Vernáculas do Instituto de Letras da UFBA.
betylyma@gmail.com

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

necessário um leitor atento e concentrado? Pois para manejar as ferramentas, entrar nos sites, o internauta necessita um mínimo de proficiência de leitura.

A crise da leitura alardeada, na verdade, é uma reconfiguração nas formas e nos modos de ler e escrever, assim como ocorreu com o surgimento da televisão, quando alguns arautos do apocalipse vaticinaram o fim do rádio e do cinema, previsões que nunca vingaram, ao contrário, esses meios de comunicação chegaram ao século XXI com muita vitalidade.

A cena contemporânea nos revela um homem cada vez mais dependente do computador. O ritmo da vida de algumas pessoas tem sido determinado pela navegação e interatividade em comunidades, listas e fóruns de discussão, *chats*. Além disso, desde a educação às compras, são feitas na rede, romances e amizades são iniciados na tela, podendo ou não se concretizar na realidade. Hoje, curiosamente, assistimos ao fenômeno da leitura virtual, em alguns casos, não só preceder a leitura do mundo, mas em última instância a substituir, criando um simulacro, uma espécie de vivência ilusória.

Diante das exigências dessas novas formas de conhecimento fomentadas pela era digital, é necessário reconhecer, infelizmente, que os números do analfabetismo funcional no Brasil são alarmantes. Uma parte da população sabe ler, mas não consegue interpretar e, muito menos, compreender os textos veiculados nas mídias. Nessa direção precisamos levar em consideração que antes de se tornarem bons navegadores na rede, esses internautas necessitam ser bons leitores, a fim de desenvolverem a capacidade crítica de desvendar o sentido de imagens e textos, de conseguir mergulhar no mundo virtual dominando e compreendendo sua navegação e não ser dominado por ela, transformando-se num navegador-leitor que substitui a vida concreta pela ilusão de vida que a rede proporciona aos internautas destituídos da leitura crítica do mundo, do texto e da tela. Não há como negar essa forma acrítica de navegar, é uma das formas contemporâneas da alienação. É o homem abandonando-se à sedução da máquina, do ciberespaço ao adquirir e praticar sem questionamentos os novos hábitos construídos pela cibercultura.

Os novos tempos e as novas relações entre escritor e texto, texto e leitor, tela e texto, leitor e tela, instiga nossa imaginação de voltarmos no tempo e pensarmos quais seriam os

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

efeitos em fins do século XIX, na vida de um leitor que mergulhou nos livros a ponto de ler o mundo a partir deles, e viver numa espécie de ilusão livresca? Pretendo examinar de que maneira um leitor sem criticidade pode ser enredado nas malhas do texto e, vivenciar em função disso um auto-engano, demonstrando assim como tal circunstância pode tornar-se símbolo da vivência do navegador-leitor despreparado para desvendar a avalanche de informações, de hipertextos, janelas e links que a tela do computador proporciona.

A criação ficcional de Lima Barreto, Policarpo Quaresma, segundo alguns críticos, possui um perfil quixotesco, em função de sua ingenuidade em correr atrás de utopias, movido pela crença cega nas letras, e no seu caso em relatos do passado. Lima Barreto era um leitor voraz, e sem dúvida sua ficção dialogou com narrativas da tradição literária como a obra *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes, e a trajetória de Policarpo demonstra isso ao longo do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

No primeiro capítulo de *Dom Quixote*, os leitores são informados sobre a vida do fidalgo espanhol, suas ocupações e sua “mania” de leitura. Essa se tornou uma espécie de devoração interior, que o levou a desconhecer até a passagem do tempo, a ponto de ficar insano: “tanto naquelas leituras se enfrascou, que passava as noites em claro e os dias de escuro em escuro, e assim, do pouco dormir e do muito ler, e se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo” (SAAVEDRA, 1978).

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o narrador não traz a informação sobre a possível loucura do major. O percurso da personagem é dividido em três momentos, e neles o texto não revela, via enunciação, esse estado. O veredicto da perda de juízo é dado por outras personagens e o diagnóstico é urdido por meio da narração de fatos que envolviam a parelha leitura/ação. Contrariamente à crueza do narrador de Cervantes, que de saída aponta o problema do fidalgo decadente, em *Triste fim*, o leitor é apresentado a um homem metódico, recatado. Sempre cumpria o mesmo ritual de chegar da rua, lavar-se e ir para a sua biblioteca, onde possuía um acervo considerável para um morador do subúrbio: “Estava num aposento vasto com janelas para uma rua lateral, e todo ele era forrado de estantes de ferro. Havia perto

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

de dez, com quatro prateleiras, fora as pequenas com os livros de maior tomo” (BARRETO, 1956).

O fato de um funcionário público, suburbano desenvolver o hábito de leitura de maneira tão obsessiva, causava um misto de inveja e implicância de seus vizinhos, como o Dr. Segadas, clínico afamado de São Cristóvão que se recusava a aceitar a condição do major possuir tantos livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!” (BARRETO, 1956). Na declaração do doutor emerge o preconceito e também o mito de que o manuseio constante de livros pertence à esfera dos “iniciados”, ou seja, de estudiosos. Tal aversão aos leitores, segundo assinala Alberto Manguel, em *Uma história da leitura*, é mais comum do que se imagina:

Preguiçoso, débil, pretensioso, pedante, elitista – estes são alguns epítetos que acabaram associados ao intelectual distraído, ao leitor míope, ao rato de biblioteca, ao *nerd*. Enterrado nos livros, isolado do mundo dos fatos do mundo de carne e osso, sentindo-se superior aos não familiarizados com as palavras preservadas entre capas poeirentas, o leitor de óculos que pretendia saber o que Deus, em sua sabedoria havia escondido, era considerado um louco (...) (MANGUEL, 1997).

Possuir uma biblioteca pode ser considerado como uma metáfora do desejo e, ao mesmo tempo, pretensão do homem em condensar num mesmo espaço todo o conhecimento humano. Emerson, o pensador americano, concebia a biblioteca como uma câmara mágica. Essa reunião de tantas vozes transforma o recinto, onde se abrigam os livros, em um local de mistérios. A biblioteca sagrada localizada no mausoléu do faraó Ramsés, possui uma enigmática inscrição em seus portais: *Local de cura da alma*.

Ao examinar a biblioteca do leitor Quaresma, pode-se perceber como seu mergulho alienado na leitura teceu em seu espírito impressionável uma série de crenças inabaláveis acerca da pátria brasileira, a ponto de deixar a posição confortável de leitor e tentar encontrar o país construído nas páginas de relatos históricos e ficcionais.

A biblioteca de Quaresma era envolvida por um clima diferente como observa o narrador: “Quem examinasse vagorosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a reunião” (BARRETO, 1956). Nesse local o

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

major reuniu todo um acervo que pudesse lhe fornecer um conhecimento pleno e genuíno a respeito do Brasil. A ficção era representada por autores nacionais, destacando a obra completa de José de Alencar e Gonçalves Dias. Escritores que representaram o romantismo, considerados fundadores do discurso literário da nacionalidade brasileira. Na História do Brasil destacavam-se os cronistas, os viajantes e os relatos de exploração, além de dicionários, manuais, enciclopédias, obras escolhidas de acordo com o caráter nacionalista.

O espírito patriota do major andava na contramão de seu tempo, o fim-de-século XIX no Brasil. Naquele momento, conforme os relatos do jornalista Luiz Edmundo, assistia-se a negação do próprio país: “O que temos não presta: a natureza, o céu, o clima, o amor, o café. Bom, só o que vem de fora. E ótimo, só o que vem de França” (EDMUNDO, 1938). Enquanto o país vivia esse clima, a vida de Policarpo era guiada pelo amor à pátria, que para ele “tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis” (BARRETO, 1956). O esforço do major era obter um conhecimento completo do Brasil por meio das leituras e de seus estudos incansáveis. A crença de Policarpo nas riquezas naturais do Brasil era tão profunda, a ponto de defender a decantada grandeza do Rio Amazonas sobre todos os rios do mundo, chegando mesmo ao “crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do ‘seu’ rio que ele mais implicava” (BARRETO, 1956).

À medida que o major aprofundava suas leituras, as ações tornavam-se cada vez mais ousadas. Com o aprendizado do tupi-guarani convenceu-se de que esta era a língua genuína e deveria ser proclamada como nacional. A partir desta convicção envia ao congresso um requerimento solicitando que se decretasse o tupi-guarani como língua oficial do Brasil. No entanto, o que surpreende no ofício de Quaresma são os argumentos lógicos que moviam seus objetivos: “O suplicante (...) pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática”(BARRETO, 1956).

A intenção patriótica de Policarpo, em adotar uma língua “genuinamente nacional” transformou-se rapidamente em chacota na cidade. Os jornais publicavam sua caricatura.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Considerado louco, em seguida, foi enviado ao hospício. Os conhecidos encontravam como resposta para seu internamento, a vida devotada à leitura. Reunidos numa conversa em torno do acontecimento, Dr Florêncio lamentava: “-Aqueles livros, aquela mania de leitura...”. Genelício, reafirmando o mito do leitor ilustrado sentenciava: “- Ele não era formado, para que meter-se em livros?”. Sigismundo concordava: “- Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores”. Genelício cheio de convicção arrematava: “- Devia até ser proibido a quem não possuísse um título acadêmico ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?” (BARRETO, 1956).

Pelas declarações pode-se perceber que o preconceito em relação ao leitor destituído de um título acadêmico era a mentalidade corrente no período, como se o livro fosse algo sagrado, privilégio de uma minoria.

Alberto Manguel observou que os leitores possuem uma reputação ambígua, como se a relação estabelecida entre o leitor e o livro reconhecida como sábia e frutífera, é também vista de maneira desdenhosa. A figura do leitor na solidão de sua leitura é envolta por uma espécie de mistério, produzindo um medo popular do que poderia estar fazendo esse leitor entre as páginas. Cena que evoca também as temerosas figuras de bruxas e alquimistas com seus segredos indevassáveis. O estudioso comenta que para o poeta latino Virgílio, o marfim era o material básico de que se constituía o “Portal dos Sonhos falsos” e, segundo Sainte-Beuve, também era a matéria-prima da torre do leitor” (MANGUEL, 1997).

Se o leitor habita o mundo dos sonhos, a realidade passa a ser algo distante, e até certo ponto, desconhecida. O livro torna-se o manual de vida para os leitores mais impressionáveis, como por exemplo, o major Quaresma. Ele viveu trinta anos acreditando em seu mundo de papel, resumido em letras, daí desenvolver uma sensibilidade aguda de habitante de um universo onírico: “vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém...” (BARRETO, 1956). A biblioteca era seu elemento natural, local onde os sonhos possuíam a dimensão da certeza absoluta.

O primeiro acervo da biblioteca que o narrador nos apresenta constituía-se de obras que descreviam e reafirmavam as belezas naturais do Brasil, as tradições e os costumes do

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

povo. Nela Policarpo obteve a certeza de ter encontrado algumas representações genuinamente nacionais: a modinha como expressão poético-musical, característica da alma nacional, a língua tupi-guarani, os costumes indígenas e o folclore. No entanto, a obsessão pela originalidade cultural, muitas vezes converteu-se em decepções. Ao fim de suas pesquisas descobriu que a modinha tinha suas raízes em Portugal, algumas tradições eram originárias de outras culturas. Mesmo passando de uma decepção à outra até chegar ao hospício, Quaresma não desanimou de seus projetos.

A experiência do manicômio o entristeceu profundamente: “Saiu o major mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as coisas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente” (BARRETO, 1956). Com a saída do hospício, Quaresma decide morar num sítio, impelido “pelos azares de leituras” das ciências naturais. As primeiras providências foram: inventariar os animais que povoavam as terras e depois organizar uma biblioteca agrícola. Para isso, encomendou livros nacionais e estrangeiros para entender melhor a respeito de terras e assim poder agir. A irmã de Quaresma, D. Adelaide, mesmo não compartilhando de seu entusiasmo pelo campo, o acompanhava, mas não conseguia entendê-lo e refletia: “Por que não seguira ele o caminho dos outros? Não se formara e se fizera deputado? Era tão bonito... Andar com livros, anos e anos, para não ser nada, que doidera!” (BARRETO, 1956). O general Albernaz era outro que também não compreendia o amigo pela escolha de vida: “Aquele Quaresma podia estar bem, mas foi meter-se com livros... É isto! Eu, há bem quarenta anos, que não pego em livro...” (BARRETO, 1956).

Mesmo incompreendido, Policarpo continuava crendo nos antigos relatos que elogiavam as riquezas e opulências do Brasil. Todavia, a fé na fertilidade da terra que os livros proclamavam, a partir de alguns contratempos ocorridos no sítio, começa a esvanecer. Primeiro a invasão das formigas, em seguida a esperança malograda da chuva que refletia ao mesmo tempo a imprecisão dos instrumentos científicos para a previsão do tempo, ironizada também na fala do negro Felizardo diante da parafernália de higrômetros e barômetros ineficazes: “-‘Quá’ Patrão! Isso de chuva vem quando Deus ‘qué’” (BARRETO, 1956).

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Outros revezes mais sérios estavam por vir, como a peste que devastou o galinheiro, a improdutividade da terra, a consciência da miséria do povo do local. Circunstâncias que abateram seu entusiasmo e abriram uma reflexão angustiante acerca de suas ações: “Quaresma veio recordar-se do seu tupi, do seu *folk-lore*, das modinhas, das tentativas agrícolas – tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil” (BARRETO, 1956). Entretanto, a consciência desses fracassos convence-o de que existia algo maior a ser realizado em prol de “sua Pátria”. A notícia da insurreição dos navios contra o presidente animou Policarpo a um novo projeto: “Os seus olhos brilharam de esperança. Chegou ao telégrafo e escreveu: ‘Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já – Quaresma’” (BARRETO, 1956).

Os livros de Botânica, Veterinária, nesta nova etapa que se iniciava, cederam lugar aos livros de Artilharia. A biblioteca bélica de Quaresma conformava-se ao seu novo objetivo – lutar em prol da República – por isso o novo intento de penetrar nos meandros da matemática, a ciência preferida dos positivistas republicanos:

como sua instrução é insuficiente, da Artilharia via à Balística, da Balística à Mecânica, da Mecânica ao Cálculo e à Geometria Analítica; desce mais a escada, vai à trigonometria, à Geometria Analítica e à Álgebra e à Aritmética. Ele percorre essa cadeia de ciências entrelaçadas com uma fé de inventor (BARRETO, 1956).

Novamente, todo empenho e ardor produzidos pelo mundo dos livros do major Quaresma chocam-se com o mundo real. Com o passar dos dias a revolta começava a cair na banalidade, assistia-se a uma onda de mortes e carnificina, e estas como uma forma de afirmação da vitória republicana. Além do mais, Policarpo havia sido aprisionado por não concordar com os rumos tomados pela revolta. Situações que produziam em seu espírito imensa amargura: “Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, de contribuir para sua felicidade e prosperidade” (BARRETO, 1956). Emerge no major, subitamente, a consciência da insanidade de crer simplesmente nas letras. Era o ápice

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

da desilusão interior criada pelo choque entre a pátria imaginada, tecida pelos discursos romântico e histórico em oposição à concreta e possível.

Este mergulho no universo livresco de forma desmedida remete-nos à obra *A nau dos loucos*, de Sebastian Brant. A publicação de 1494 era um pequeno volume de versos a respeito das loucuras e pecados da sociedade de seu tempo. Uma das ilustrações apresentadas é a loucura do intelectual, cuja insanidade residia em se enterrar nos livros e crer que eles eram mais preciosos que o ouro. Na esteira dessa idéia, o humanista Geiler Von Kayseberg, em 1509, elaborou uma série de sermões baseados no elenco dos loucos de Brant, entretanto, fixando-se na figura do louco dos livros. O humanista dividiu seu maluco livresco em sete tipos, cada um reconhecível pelo tilintar dos sinos do bufão. Primeiro sino: o louco que coleciona livros por ostentação. O segundo: o idiota que deseja ser sábio consumindo livros em demasia. O terceiro: o idiota que coleciona livros sem realmente lê-los, apenas para satisfazer sua curiosidade ociosa. O quarto: o louco que ama livros pelas imagens suntuosas que apresenta. O quinto: o idiota que encaderna seus livros suntuosamente e tira seu prazer de encadernações e rótulos. O sexto: o maluco que escreve e produz livros mal escritos, sem ter lido os clássicos. Finalmente, o sétimo: o louco que despreza completamente os livros e escarnece do conhecimento que pode obter deles (Cf. MANGUEL, 1997).

Considerando a lista de Geiler, percebemos que a proclamada loucura do major Quaresma devido sua relação com os livros, não se encaixava em nenhum desses tipos. Contrariamente àqueles perfis, Policarpo era extremamente sincero para com seus ideais, levava a sério suas leituras, pautando nelas suas ações, no entanto, sem o mínimo de criticidade. Na verdade, o que permeava suas ações e a relação com seus livros era uma certa ingenuidade, uma fé incondicional na escritura, demonstrando um comportamento alienado. Contudo, o romance nos apresenta uma personagem que se assemelha a mais de um dos tipos de *louco* apresentados por Geiler, no caso, o Dr Armando Borges, marido de Olga, afilhada de Quaresma. Armando ostentava o título de “doutor”, ou seja, estava qualificado, segundo os padrões daquela sociedade para ser o leitor ideal.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

O doutor Borges não passava um dia em que não comprasse livros em francês, inglês e italiano. Gostava de exibir-se lendo diante da janela, vestido de branco, mas logo era abatido pelo sono, especialmente quando lia Padre Vieira. Esse leitor “especial”, segundo os padrões do período, via os grandes romances franceses como passatempos e falatórios. Pseudo-adepto dos grandes clássicos, tentava iludir a si, à mulher e aos vizinhos encomendando folhetins do francês Paulo de Kock, em lombadas com títulos trocados. Com isso, forjava a imagem do sábio, do doutor laborioso nos estudos. Muitas de suas leituras tornaram-se artigos, adaptadas para uma escrita, definida por ele como “clássica”, porém tratava-se de alterações grosseiras no texto original: “O processo era simples: escrevia de modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía incomodar por molestar, ao redor, por derredor (...)” (BARRETO, 1956). Tal comportamento de Armando Borges apenas estampava sua inépcia intelectual num contexto onde a tônica era a erudição de fachada.

O humanista Geiler, ao pensar nas loucuras dos leitores insanos, ironizava a competição intelectual, vazia e amorística que permeava a sociedade de seu período. Entretanto, esta característica pode ser totalmente aplicável à sociedade brasileira, palco do romance, em particular, se tomarmos como exemplo a figura patética do doutor Armando Borges – o verdadeiro louco dos livros em *Triste fim*. Enquanto o protagonista, aproxima-se mais do perfil de um leitor mais acríico e trágico do que louco.

Se pensarmos na trajetória desse leitor trágico e alienado, que vai erguendo bibliotecas baseadas em utopias patrióticas, percebemos que o motivo da biblioteca é imprescindível para que o autor, através de seu narrador, enrede, de forma irônica, o leitor e a personagem na quimera, fadada a uma amarga desilusão.

O narrador por meio do percurso de leitura de Policarpo desmascara os jogos de poder que a sociedade burguesa lança mão para imobilizar os críticos de seu sistema. Pois, na medida em que Quaresma, lúcido, conscientiza-se da distância intransponível entre a pátria livresca e a real, caminha em direção a sua derrocada social.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Policarpo Quaresma, inconscientemente, encarna a figura do intelectual de gabinete imerso nos livros, alienado da realidade e por isso acreditando nos discursos construídos pelo sistema. É provável que em função disso, o autor leva-o a atravessar o *Portal dos sonhos falsos*, e ao mesmo tempo, tenta desmistificar as campanhas ufanistas do governo, a superioridade intelectual do “doutor” e a crença no “genuinamente nacional”, ou seja, malhas tecidas no universo de papel.

No século XXI ainda encontramos Policarpus, mergulhados no caleidoscópio do hipertexto, na avalanche de informações e *sites*, sem conseguir desvendar esse mundo novo, comprovando o estranho paradoxo da modernidade tecnológica – quanto mais informado, menos informado e mais alienado. Nessa direção, é necessário recordar que a internet surgiu sob a utopia de incorporar todo o conhecimento humano, uma espécie de hiper biblioteca, que forneceria ao leitor virtual a possibilidade de navegar e interagir com o todo o conhecimento produzido pelo homem do passado e do presente. No entanto, a prática revelou que a internet se assemelha mais a uma grande enciclopédia, reunindo um significativo repertório cultural, mas abrigando indiscriminadamente o *trash*, ou seja, o lixo cultural que invade a *web*, tornando-a território livre e sem controle. É nesse ponto que o navegador necessita ser antes de tudo um leitor atento e crítico do universo da cibercultura, conhecendo suas demandas próprias e suas ciladas.

É justamente nesse ponto que o incentivo à leitura crítica e investigativa poderá minimizar os impactos dos novos modos de ler da cultura digital, pois um dos grandes problemas da internet é o excesso de informação que dificulta a compreensão do navegador-leitor no mundo novo da era digital, como assinala Mark Stefik:

o que transparece de fato para todos nós é a dificuldade cada vez maior de atribuir sentido ao fluxo de notícias, dados, informes e imagens que nos chega. O problema, no fundo, não é tanto haver mais informações, mas sim conseguir descobrir quais seriam relevantes para nossos interesses, já que somos massacrados constantemente com informações inúteis ou irrelevantes (STEFIK, 1999).

A análise que Paulo Freire desenvolve sobre “a importância do ato de ler” bem antes da era digital, continua viva e atual: “De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1992). Para que a era do conhecimento alcance sua plenitude, a sociedade tecnológica precisa preparar seus leitores para que não sejam meros operadores de ferramentas, mas leitores-navegadores críticos, que conseguem realizar o trânsito da leitura do mundo, para a leitura da palavra e dela para a leitura virtual.

Nesse sentido, as políticas educacionais e os educadores não podem ignorar o poder da cibercultura, das novas práticas de leitura frente ao computador e do poder que esse momento da história do homem exerce sobre a sua existência. Que Policarpo Quaresma seja apenas um exemplo, um símbolo de como não devemos viver e praticar a leitura de forma alienada, para não cair na armadilha da ilusão de ver e viver o mundo exclusivamente no papel ou na tela.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CANFORA, Luciano. *A biblioteca desaparecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2003. (Folha explica)
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- STEFIK, Mark. “Focusing the light: Making Sense in the information Explosion”. In: *The internet Edge*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1999.